

8
118
ELOGIUM

SEPULCHRALE.

VIVOS, ET MORTUOS JUDICATURO

S.

Heu quanta infelicitas!

SERENISSIMUS PRINCEPS

CAROLUS

Portugallia Infans

POTENTISSIMI LUSITANORUM REGIS

JOANNIS V.

E.

AUGUSTISSIMÆ REGINÆ

MARIÆ-ANNÆ

AUSTRIACÆ

Quarto genitus

Hic dormit.

Qui

Vivens fuerat

Morum innocentia Infans,

Ætatis ardore Juvenis,

Consilii maturitate senex,

Glorie magnificentia Princeps.

Pa-

*Patrem virtutibus ,
Matrem Sanctissimis moribus ,
Avum pietate ,
Proavum constantia
Referebat.*

Tandem

*Post immedicabiles infirmitates ,
Quibus , quandiu vixit , laboraverat ,
Violenta febre correptus
Immature fato cessit.*

Heu quot jacturae!

O' Luctuosa Lusitania!

*Amore , quo prosequeris vivum ,
Ereptum Luge.*

Vixit annos 19. Menses 10. dies 28.

*Mortem obiit anno 1736. Trigesima die Mensis
Martii*

Benemerenti P.

MORI-

119
A O M E S M O A S S U M P T O .

SONETO.

SE do Sol era flor, luzeiro era,
CARLOS flor, e do Sol foy luz querida,
E por ser do Sol flor, era luzida,
Como o Sol lustres dà na quarta Esfera.

Pois como morrer póde, eu já differa,
Esta brilhante flor esclarecida,
Se no excelso esplendor da sua vida
Se faz ser immortal, sem ser quimera!

Morre o Sol? Morre o Fenix? he engano!
Pois hum Sol Portuguez, Fenix das flores
Morrer póde se he flor, Sol Lusitano!

Que não morreo parece; que aos primores
Destá flor, para ao golpe mais tyranno
Da Parca, se a flor vê entre esplendores.

Do mesmo Author.

NO

A M O R T E
DO SERENISSIMO INFANTE DE PORTUGAL
O SENHOR
D. CARLOS,
SONETO.

Que mystiriosa morte, equivocado
Vejo a CARLOS em trono mais luzido,
Pois no dia em que Christo ha padecido
Vay da Terra ao Impyrio trasladado.
Foy Christo, na morte acompanhado
De MARIA, e Joaõ o mais querido
Tambem nella foy CARLOS assistido
De Maria, e Joaõ o mais amado.
Vendo ja morto o mesmo Author da vida
Hum, e outro coraçã se derretia
Mas foy pena, em gloria convertida
Assim pois amanhece neste dia
Com a gloria de CARLOS merecida
O Sol de Joaõ, e Aurora de Maria.

AO MESMO ASSUMPTO,

DO SERENISSIMO INFANTE DE PORTUGAL

SONETO.

SE os Pays vivem nos filhos, que gerados,
Lhe conservaõ a propria Natureza,
Quando estes morrem com igual fineza
Vivem nos Pays tambem resuscitados.

Muito Altos Senhores, lastimados,
Reys Poderosos da Mayor Grandeza,
Moderay vossa Altissima tristeza,
Que o menor mal he bem dos magoados.

Vio Vosso Filho, o Senhor Infante
D. CARLOS, que era mais appetecida
Vossa vida, por ser mais importante,

Por isso com fineza merecida
Morreo para viver com vosco amante,
E para vos deixar a propria vida.

Do mesmo Anonymo.

D. P. A. D. S. H. J.

A MORTE

DO SERENISSIMO INFANTE DE PORTUGAL

O SENHOR

D. CARLOS,

SONETO.

DURA Parca, e cruel, sempre inconstante,
Como assim te atreveste ao sublimado
De huma flor, que no terno, e no animado,
Era do mesmo Sol luz mais radiante ?

Luz lhe dava por flor, e por flammante
Luzeiro, que no Solio já inflammado,
Era do mesmo Sol Sol adorado,
Por ser do mesmo Sol a flor gigante.

Tyranna não triunfaste (homicida)
Desta flor portentosa, que alentava
A vida desmayando a mesma vida :

E porque ? Porque CARLOS flor julgava ;
Que o morrer sendo flor esclarecida,
Immortal se fazia, e luz ficava.

D. P. A. D. S. H. F.

AO

EPIGRAMMA.

Qua Deus ipse die moritur, decumbit & Infans;
Sunt in agone pares, nam cruce sunt comites.

A O MESMO ASSUMPTO

SONETO.

NO mesmo dia, em que se faz memoria
Na Igreja universal enternecida
Da morte do Supremo Author da vida,
Deixa CARLOS a vida transitoria.

Myfterio o dia tem pela victoria
Que consegue da Parca enfurecida
O corpo não, mas a alma, que hoje unida
Ao vencedor da morte alcança a Gloria.

Prodigio de amor he grande, e excessivo
Faltar a CARLOS o vital conforto
No dia em que foy tudo sensitivo:

Mas não me admiro no myfterio absorto,
Porque se a CHRISTO CARLOS ama vivo,
Como o hade deixar depois de morto?

PON-

PONDERA-SE A GRANDE CHUVA
Da noite do Enterro.

SONETO.

Quando CARLOS caminha à sepultura
Sentido chora o Ceo ; e chora tanto,
Que parece querer mostrar no pranto
Que os Deozes se penetraõ de ternura.

Quem não dirà, que o Ceo triste procura,
Coberto de hum funesto negro manto,
Mostrar à Terra no que chove, o quanto
Se magõa da sua desventura.

Mas não ; não toma o Ceo por isso justo :
Chora movido de huma santa inveja,
Porque a terra lhe rouba o Corpo Augusto.

E como se lhe nega o que dezeja,
Chora o Ceo magoado, porque he justo
Que adonde a Alma reside, o Corpo esteja.